

A PEDAGOGIA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Carmen I. D. Spanhol¹

A pedagogia proposta pela Ontopsicologia surgiu de lições elementares, proferidas pelo Prof. Antonio Meneghetti, para ensinar aos pais como educar seus filhos. Diferentemente de autores² que, ao estudarem a criança, estabeleceram períodos ou fases para o desenvolvimento infantil, a pedagogia em questão, não faz distinção em fases delimitadas. Entretanto, suas contribuições demonstram que o desenvolvimento da criança ocorre de modo natural, com vistas ao nascimento do seu Eu saudável.

Após o nascimento até aos seis meses a criança permanece vinculada à mãe³, o que se estabelece como um filtro entre o recém-nascido e a realidade externa. Esta relação inicial, construída entre o adulto-mãe⁴ e

¹ Doutora em Educação - UdelMar, Chile.

² Ver HARRÉ, R. **Grandes pensadores em psicologia**. São Paulo: Roca, 2009.

³ Mãe: adulto que assume o papel-mãe o qual a criança prefere como referência simbiótica.

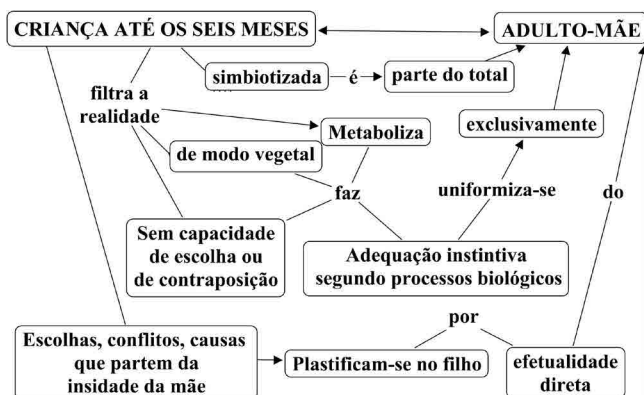
⁴ Por adulto-mãe entende três funções: a) o genitor de maior referência na expressão de necessidade da criança; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante. Ver MENEGHETTI, 2014, p.119.

o recém-nascido, objetiva a sobrevivência da criança.

No esquema a seguir, é possível observar que a criança vive como corpo externo, porém é o adulto-mãe que filtra a realidade. As necessidades do recém-nascido são supridas por um adulto que a provê nos diferentes aspectos da vida – alimento, afeto, higiene.

Este adulto é o primeiro elo da criança com o mundo externo. Por esse motivo, um adulto maduro nesses aspectos, torna-se essencial para o desenvolvimento positivo da criança. Nesse processo, espera-se a formação de um adulto capaz de operar autonomamente os direitos e deveres sociais e que esteja em condições de ser, ao mesmo tempo, verdadeiro para si mesmo e funcional para sociedade.

Figura 1 – representação da relação simbiótica entre mãe e filho (a)



Fonte: figura elaborada pela autora a partir do texto de MENEGHETTI, 2014. p.32-37.

O esquema anterior representa a relação simbiótica que se estabelece na relação diádica⁵ entre mãe e filho (a). Para facilitar a sucessiva identidade de consciência e de crescimento é conveniente manter esta unicidade. A mesma deve gradativamente se dissolver para dar passagem ao Eu independente e autônomo do menor e o envolver desde o ciclo biológico até o psíquico.

No decorrer dos primeiros seis meses se consolida o temperamento da pessoa e esse aspecto da personalidade se origina do *id* e vem determinado pela zona positiva psicobiológica da criança.

Nesta fase inicial de vida a criança flui “gratuitamente segundo leis biológicas na díade simbiótica com a mãe.” (MENEGETTI, 2014, p.36). O autor da Pedagogia Ontopsicológica, considera que neste período se inicia um verdadeiro problema insolúvel: a criança olha fora, não se deixa colher, mas sente dentro cada coisa com conhecimento anterior ao que vê. Devido a esse problema “é preciso ter uma capacidade de altíssima sensibilidade ou terceiro olho” (MENEGETTI, 2014, p.36) para compreender uma criança.

A partir dos seis meses a criança sofre a lei do mais forte – não do mais forte externamente - mas daquele que catalisa a força dentro do ambiente, materializado naquele adulto que possui um modo complexual mais

⁵ Díade: movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. (MENEGETTI, 2010, p. 235)

estruturado o qual se torna o catalizador de superego dentro da criança. Nesse caso pode também ser a mãe quando não expressa a si mesma, pois é a dependente exposta de informação dinâmica de outros membros da família.

A partir de então, em seu processo de desenvolvimento, a criança passa por uma transformação: começa nascer o homem⁶, a consciência, a capacidade do ato reflexo que prepara e funda a especificidade do humano, enquanto distinta das demais criaturas. Os pais e demais familiares influenciam diretamente a criança após o sexto mês de vida, quando inicia para a criança, o coexistir, pois começa a se perceber distinta.

Para uma elaboração sadia, é importante, naquele momento, que a criança colha com amizade as novidades “para colocar as bases da sua consciência reflexa” (MENEGETTI, 2014, p.35). Um Eu singular formado por muitos Eus, que ao coordená-los evidencia a consciência individuada e, com o surgimento da reflexão, a criança se exterioriza. No seu mover-se busca as relações no ambiente em vantagem própria.

Ao se observar o olhar da criança, nele se vê uma informação incisiva que expressa o seu existir. “Eu sou, eu estou aqui”. Este modo indica uma agressividade primária a serviço da sua existência e do seu

⁶ Homem: do latim *homo*, de *humus* = terra, terrestre. do latim *Esse in humo* = o ente localizado e feito *no* e *do* planeta Terra. (MENEGETTI, 2012, p. 128)

crescimento, com indicação do instinto de posse. Este “instinto primário que domina e organiza a evolução psicológica da criança”(MENEGHETTI, 2014, p.38).

O nascimento da consciência se constitui pelo primeiro ato reflexo no momento em que o íntimo da criança se individua como: “Eu estou aqui, e existo daqui!”(MENEGHETTI, 2014, p.38). Deseja tudo para si, pois cada individuo é instinto de vida.

No período que inicia no sexto mês, aproximadamente, até 1 ano, a criança concebe o seu existir como algo uníssono, e é para si. Essa situação desaparece com o passar do crescimento até por volta dos 3 anos de vida. É na multiplicidade das existências que o Eu da criança começa a conceber o ser em relação e configura a identidade de si mesma.

Ao se coligar ao adulto, que é o seu primeiro lugar de segurança, aprende as raízes do próprio Eu. “A criança estrutura a própria tipologia modulando-se sobre a tipologia materna” (MENEGHETTI, 2010, p. 237). O comportamento desse adulto lhe permitirá assimilar o modelo básico para estabelecer o caráter que estrutura parte de sua personalidade.

O modelo básico se refere aos vários aspectos que mais tarde são definidos como: “filho de peixe, peixinho é”. Estes aspectos, assimilados nesta primeira fase, correspondem ao modo de falar, de se mover e ao modo básico de consciência. Isto ocorre porque no recém-nascido existe o processo de hetero-identidade e ainda não aparece o processo de auto-identidade.

Este último se forma sucessivamente, no decorrer dos primeiros anos de vida, em torno dos 2 a 4 anos e se aperfeiçoar até os seis anos.

A criança aprende, a partir do berço impostado pela família, a se adaptar e a se uniformizar às exigências dos esquemas sociais e externos. Deste modo, desvia-se do seu núcleo vital, que lhe permite fazer a si mesmo como pessoa, com um Eu lógico-histórico⁷ capaz de agir no social, com condutas vencedoras para si e para o contexto.

Na pesquisa ontopsicológica as questões hereditárias e sociais não são consideradas suficientes para a constituição do nascimento do Eu individuado e autônomo. Além das questões hereditárias - que influenciam o temperamento e incidem sobre os traços somático – e as sociais que não explicam porque num mesmo ambiente social ocorrem, de modo diferente, as evoluções dos indivíduos quando alguns se tornam sadios e outros se estruturam em patologia (física, psíquica, social). Neste estudo, outro aspecto a considerar é a família.

Meneghetti (2010, p.233), observa que “a família permanece a primeira estrutura que constitui a matriz-base para qualquer involução do sujeito.” No decorrer dos tempos e mesmo com todas as variações ocorridas na constituição familiar, que cumprem

⁷ Eu lógico-histórico: também denominado Eu voluntarístico pensante ou Eu responsável agente – é a capacidade de mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo. (MENEGETTI, 2012, p.108).

as demandas da ideologia societária, o modo de estruturação e validação do estereótipo-família ainda persiste e se reimprime a cada novo nascimento.

O meio familiar porta sempre, no seu núcleo, uma patologia psico-moral-afetiva, que imprime na criança a sua maneira de estar e funcionar no mundo. O modo de amar aquela criança direciona a linha condutora de todo o seu prosseguir futuro. Esta matriz é a marca daquele sujeito o qual a levará como prioritária por toda vida. A partir desse modelo, o sujeito definirá os seus posicionamentos em todas as áreas de sua vida – afetiva, sexual, social, profissional e familiar.

São as informações conscientes e inconscientes depositadas durante a infância pelos familiares – sobreposição informáticas da doxa societária – que se expressam no jovem ao se demonstrar incapaz de conviver em uma sociedade funcional. Essas consequências conduzem no futuro adulto aos desvios psico-biológicos, impactados individualmente ou na sociedade.

É no contexto familiar que a criança se prepara para garantir o amanhã. Nesse sentido, os pais devem ensinar a defesa funcional para enfrentar o pluralismo social na vida adulta. Sem prevenir, a criança, “contra o social, mas deve facilitar dentro da família todos os mecanismos que a criança adota para se garantir positivamente contra invasões naturais dos adultos, dos irmãos, dos coetâneos” (MENEGHETTI, 2014, p.50).

A partir dos 3 anos, a criança perde o modo de

reconhecer e seguir a identidade instintiva que possuía. Esse fato ocorre porque nesse período sofre a semântica social que interioriza como modelo. Esse sofrimento se dá em forma de obscurecimento. Com isso, é obrigada a reagir conforme a dinâmica familiar impressa dentro de si mesma.

A criança percebe e reage ao ambiente por meio das informações colhidas no seu corpo – que funciona como um radar aberto e absorve tudo sem possibilidade, ainda, de decodificação. A criança é um cientista, compreende as informações na sua corporeidade. Aprende naturalmente.

Por possuir esse modo de conhecimento inato, para seu desenvolvimento social saudável, necessita que o eco ambiente em que vive lhe proporcione a via de distinção real das informações colhidas. No entanto, antes mesmo de ir para a escola já sofreu a informação que não lhe permite enxergar com clareza a ordem vital, porque entra em jogo o superego preestabelecido.

Em relação ao comportamento holofrásico, este acompanha a criança a partir dos seis meses até por volta de 5 anos. Ele indica um modo de conhecer a realidade que, comparada ao adulto, ainda não possui a capacidade sincrônica com os múltiplos eventos. Seu comportamento é de total exposição e impacto. Quando inicia o ato de consciência racional, já é capaz da mentira consciente. Então, deixa de ser holofrásica e começa a socializar a sua individualidade.

Até os 4 anos deve ser educada para ser autossuficiente naquilo que satisfaz suas necessidades primárias. Em relação aos primeiros referimentos afetivos, deve ter a oportunidade de escolher o genitor como valor de vantagem para si.

No que tange à capacidade de amor e de sexo, o genitor deve ser a passagem, como objeto de transição, para uma vida adulta saudável. Convêm destacar que “a criança aprende por sub-mensagens das palavras, o campo semântico⁸.” (MENEGHETTI, 2014, p.46). Por esta razão, é importante que o genitor confirme seu amor indiscutível e único antes de proceder uma correção funcional, que deva ser aplicada.

A partir dos 3 anos de idade, a criança já é capaz de bloquear seu erotismo quando está na presença de adultos. Por ordem natural a criança não é perversa. Contudo, aprende a perversão do sexo na relação com os adultos, a partir do removido inibido, ou ainda, por comportamento complexual dos parceiros adultos.

Também em relação à capacidade sexual, a criança mantém uma holofrasia somatopsíquica: o erotismo da criança se difunde em todo o seu corpo. Já o adulto tem precisas zonas definidas onde expressa suas pulsões libidinais. Sendo assim, ao relacionar-se com a criança, o adulto, deve partir de uma “difusão

⁸ Campo semântico: “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGHETTI, 2012, p. 38). Comunicação-base porque é uma informação que ocorre em antecipação aos símbolos: antes dos sentidos, das emoções e da consciência.

viscerotônica”. (MENEGETTI, 2014, p.47) o que significa propiciar atividades lúdicas e epidérmicas, entre pais e filhos, onde a criança possa expressar-se espontaneamente, sem preferencialidade no jogo afetivo de ternura e abraço. A confiança do encontro garante um desenvolvimento saudável em família e na sociedade.

Para não perverter o projeto de ordem natural da criança, o adulto deve evitar a superproteção de modo assistencialista. Até os 3-5 anos os pais devem se ocupar de uma higiene natural e pediátrica. Para que seu desenvolvimento transcorra de modo saudável, a criança deve ser gratificada quando soube responder a uma situação com uma adaptação inteligente – mentira inteligente. O que não devem ser gratificadas são as mentiras estúpidas provenientes de simulações que corrompem sua dignidade – teatros, choros, caprichos, falsa procura de afeto. Nesse caso, os pais devem se manter indiferentes.

Quando a criança põe em risco a própria vida, em alguns casos “a palmada pedagógica” pode ser usada para impedi-la do perigo físico. O genitor deve ser categórico. Não usar a força física, mas com intensidade emotiva tornando claro o campo semântico de inibição: “Eu não quero o mal para ti; ai de ti se te comportares mal com perigo para ti”. (MENEGETTI, 2014, p.50).

Os pais necessitam dar atenção ao “não” categórico expresso pelo filho, ele contém um significado do

limite daquela criança e deve ser respeitado. Porém, o adulto deve intervir quando um “não” da criança coloca risco para sua vida.

O brincar e as brincadeiras fazem parte do mundo da criança. É uma oportunidade por meio da qual ela pode simular todas as interações reais. É importante que ao brincar utilize objetos funcionais do cotidiano de ação do ser humano.

A busca por um modelo de afirmação leva a criança a imitar, dentro de casa, algumas pessoas do convívio social. Os pais devem agir como filtro de crítica nessa hora, visando o crescimento do filho (a), com coragem para desmentir os mitos daqueles modelos que não servem.

A criança ao nascer, como já mencionado, vive de modo simbiótico com a mãe e no decorrer de seu desenvolvimento deve torna-se Eu individuado. A partir dos 6 anos se inicia a ruptura desta relação diádica para encontrar a própria “virtualidade existencial”.

REFERÊNCIAS

HARRÉ, R. **Grandes pensadores em psicologia.** São Paulo: Roca, 2009.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica.** 3 ed. Recanto Maestro RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. Uma Nuova Pedagogia per la Società Futura. In: CONFERÊNCIA UNESCO 1, 2006. Anais. Paris, 2006a. p.1- 40.

_____. **Manual de Ontopsicologia.** 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010.

_____. **Dicionário de Ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.